

**LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INTERVENÇÃO SISTÊMICA**

**A COMPREENSÃO SISTÊMICA DE UM ATENDIMENTO INDIVIDUAL:
AMPLIANDO O FOCO E INCLUINDO A FAMÍLIA DE ORIGEM**

**NATAL- RN
2012**

**LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INTERVENÇÃO SISTÊMICA**

CAROLINA VASCONCELOS LIMA

**A COMPREENSÃO SISTÊMICA DE UM ATENDIMENTO INDIVIDUAL:
AMPLIANDO O FOCO E INCLUINDO A FAMÍLIA DE ORIGEM.**

Artigo científico apresentado ao Curso de Especialização em Intervenção Sistêmica, do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN), como requisito para a obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof. Sheylla Maria.....

**NATAL- RN
2012**

RESUMO

A família é um grupo social que se funda no casamento, união entre duas pessoas que trazem de suas famílias de origem, segundo a teoria sistêmica, um conjunto de crenças, costumes, regras e valores que terão significativa influência na formação do novo casal. Com base nesta teoria, busca-se analisar o caso de uma paciente atendida numa psicoterapia individual, que trazia, inicialmente, uma problemática conjugal ocasionada por ciúme excessivo. A partir deste Estudo do Caso, foi possível verificar a interferência da família de origem da paciente gerada por uma dependência emocional da mesma. Foram percebidos também certos padrões de comportamento, triangulação, não diferenciação do self e manutenção dos papéis familiares.

Palavras-chave: Terapia individual. Casal. Triangulação. Papéis familiares.

ABSTRACT

The family is a social group that is based on the marriage, union between two people, Who brings from their families' origin, according to systemic approach, a set of beliefs, customs, values and rules that have significant influence on the formation of the new couple. Based on this theory, we sought, in this work, consider the case of a patient treated in its individual psychotherapy, which initially brought marital problems caused by excessive jealousy. From this case study, it was possible to verify the influence of the patient's family origin generated by the same emotional dependency. Were also perceived certain behavior patterns, triangulation, non self differentiation and maintenance of family roles.

Keywords: Individual psychotherapy. Couple. Triangulation. Family roles.

INTRODUÇÃO

A família é o contexto dos problemas humanos; e, como todos os grupos humanos, a família tem propriedades emergentes – o todo é maior que a soma de suas partes (Nichols & Schwartz).

O presente trabalho trata de um Estudo de Caso feito a partir de uma terapia individual, que, por trazer relatos importantes acerca da vida conjugal da paciente, teve a intervenção foi ampliada a uma entrevista com o casal.

Dentro de todas as temáticas propostas durante o Curso de Especialização em Terapia Sistêmica Familiar, a terapia de casal foi algo que sempre despertou meu interesse, dada a curiosidade e o desejo de aprofundar a dinâmica da vida a dois.

Contudo, esta não era minha primeira escolha para a composição desse trabalho. Antes, eu ainda não tinha a prática da terapia de casal no consultório, porém, um caso que eu atendia me chamou a atenção por trazer várias questões importantes acerca da vida conjugal da paciente e a forte ligação da mesma com a sua família de origem.

Numa relação conjugal, o modo como um casal estabelece seus vínculos é muito singular, tendo sempre a ver com o que cada um traz em sua bagagem ao decidirem se casar. O que os dois trazem vai muito além dos utensílios comprados para organizar uma casa ou as belas roupas em cada uma das suas malas. Na realidade, levam consigo as regras, os padrões, os mitos e segredos das suas famílias de origem que terão papel na formação do novo casal.

Resolvi, pois, estudar esse caso de forma aprofundada, tendo como norte a hipótese inicial que formulei a partir das questões trazidas pela paciente na terapia individual, qual seja, de que a paciente não conseguiu romper satisfatoriamente o vínculo com sua família de origem, o que acabou interferindo em seu casamento.

Este trabalho vai tratar do tema escolhido à luz da teoria sistêmica, porém trazendo também um pouco da compreensão psicanalítica, a qual, por muito tempo, foi guia para mim, tanto na graduação, como no início das minhas atividades profissionais como psicóloga. Acredito que a teoria psicanalítica é também bastante favorável para se entender as questões aqui expostas e para

as discussões a serem feitas no final, pois está arraigada às questões que serão postas neste trabalho.

Utiliza-se, [Temos como respaldo teórico para o decorrer...] no decorrer das discussões deste trabalho, os conceitos de autores como Murray Bowen (apud NICHOLS; SCHWARTZ, 1998], no que diz respeito a diferenciação do eu, bem como triangulação e, em relação à psicanálise, a Lei da transmissão do desejo.

Acerca da estrutura de apresentação do trabalho, primeiramente, será feita a descrição do caso, que acompanhei durante três meses. Trata-se de um atendimento individual, para o qual, posteriormente, foi proposto um acompanhamento do casal, que, porém, não pôde ser viabilizado, sendo possível apenas uma entrevista com o cônjuge em uma sessão. Não foi viável avançarmos para uma terapia de casal por questões de incompatibilidade de horários, já que o marido tinha poucos horários disponíveis, pois trabalha no interior do estado. Contudo, embora tendo poucos atendimentos, cada sessão foi bastante rica, o que nos forneceu material suficiente para análise.

Os atendimentos relatados neste Estudo de Caso foram feitos na Clínica onde atendo. O Estudo de Caso foi desenvolvido durante o período de três meses, sendo realizado um total de 9 (nove) sessões individuais e 1 (uma) entrevista com o casal.

Após os relatos do caso, será desenvolvida uma discussão do mesmo e algumas hipóteses serão levantadas dentro das possibilidades que a brevidade do caso permite. Por fim, serão trazidas as considerações a partir do que foi compreendido sobre a prática em questão e a teoria utilizada.

DESCRIÇÃO DO ESTUDO DE CASO

“É por isso que o homem abandonará seu pai e sua mãe para se unir a sua mulher, e os dois se tornam uma só pessoa” (Gênesis: Capítulo 2, verso 24. Bíblia Sagrada. SBB. Tradução na linguagem de hoje).

A paciente, que doravante será chamada de Frida Khalo, diz que procurou um psicólogo, pois sabe que muitas das questões que precisa resolver em sua vida, dizem respeito a toda uma sintomática familiar que

carrega. E, ainda, queixa-se que é muito insegura, sente um ciúme exagerado do marido e é excessivamente carente, necessitando de atenção e reconhecimento. Diz também já ter sofrido crises de depressão, mas percebeu que somente medicamentos não resolveriam.

Frida é casada há três anos. É do interior de São Paulo, onde morava com sua família. Seus pais são separados, mas moram ainda na mesma casa. Sua mãe tem um namorado bem mais novo e, recentemente, alugou uma casa para eles. Contudo, ela ainda passa a maior parte do tempo morando na casa da família e passa os fins de semana com o namorado na casa alugada. Frida tem um irmão mais novo e diz ser bastante próxima dele.

A paciente queixa-se muito de uma disputa com a mãe (que aqui chamaremos de Cecília) em relação tanto ao aspecto físico, como às conquistas por parte de Frida. Conta que a mãe está sempre se comparando a ela e que isso a incomoda muito, pois não acha que as mães deveriam fazer isso. Diz, ainda que a mãe queixa-se demais de sua própria vida e até mesmo o marido já notou isso. Certa vez, falou, em tom de brincadeira: “sua mãe está atrapalhando o nosso casamento” (sic). A paciente diz que a mãe se intromete muito no casamento dela e que, por não ter amigas na cidade (pois mudou-se há pouco tempo), acaba contando muitas coisas para mãe, o que dá a ela liberdade de “se meter” na sua vida conjugal. Diz ainda ouvir o marido afirmar que, toda vez que acontecem conflitos relacionados à família de origem de Frida isso acaba interferindo no seu casamento.

Diz Frida, se sentir na obrigação de ajudar aos pais, mas incomoda-se porque eles próprios não querem se ajudar ou não dão valor à ajuda dela. Na sua opinião seus pais sempre superprotegeram o filho mais novo. Deu o exemplo de ter que ir para a faculdade de ônibus e, muitas vezes precisar escolher entre comer um lanche na faculdade ou voltar de ônibus, pois o dinheiro não dava para as duas coisas. Já o irmão, quando começou a faculdade, ia sempre no carro com o pai.

Sobre os conflitos vivenciados pelo casal, na maior parte das vezes, são decorrentes de situações externas que geram ciúmes por parte dela. Descreve uma situação que acontece todas as semanas, nas quintas feiras, quando o marido almoça com uma colega professora que ensina no mesmo município onde ele trabalha. Frida diz nem mesmo conhecer a pessoa, mas já começou a

imaginar ser ela muito mais bonita e interessante e que o marido poderia trocá-la facilmente. Para ela, seria preferível que o marido não lhe contasse com quem almoçava no trabalho, pois isso só a fazia sentir-se mal. Porém, mesmo dizendo isto, no mesmo momento ela recua e diz: “talvez fosse pior se ele não dissesse nada, pois ficaria imaginado algo pior”.

Lembra-se, então, de quando sua mãe dizia que “homem é tudo igual” e “tem de ficar em cima, porque senão vem outra e leva” (sic). A paciente acredita que absorveu tais afirmações da mãe. Todavia, quando pensa “logicamente”, diz reconhecer estar errada, pois o marido nunca lhe deu motivos para sentir ciúmes de fato, contudo, quando começa a brigar com ele, parece ter uma força além dela que não a deixa parar.

Frida acredita que muitas vezes se auto sabota, devido a sua baixa auto estima, e não sabe o motivo pelo qual não consegue parar de falar coisas que vão machucar tanto ela como o marido. Porém, diz sentir-se mal quando o marido divide a atenção que era para ser somente dela com outros interesses (vida profissional, amigos), e principalmente, quando conta que se encontrou com alguma amiga. Fala que não imagina sendo traída pelo marido, porém só de imaginar que ele passa algum tempo com outra mulher ou mesmo com os amigos, ela surta.

A paciente diz precisar encontrar algo para fazer por si mesma, pois sabe ser saudável o casal ter tanto interesses comuns como distintos. Afirma sempre ter gostado de música (quando era mais nova, inclusive, tinha uma banda) e de ler, mas, quando o marido não está em casa, ela não consegue se concentrar em nenhuma atividade, pois fica pensando no que ele pode estar fazendo.

Em uma das sessões, a paciente contou sobre um fim de semana maravilhoso onde prepararam um jantar para eles juntos. Enquanto cozinhavam, segundo ela, conversaram muito e, inclusive, ele contou coisas que nunca havia sequer comentado com ela. Frida diz que, a partir disso, percebeu ser uma pessoa egoísta, pois, na verdade, nunca havia ouvido de fato o marido. Geralmente, quando os dois conversavam, ela sempre falava mais e sempre sobre seus próprios problemas. Para ela, isso talvez seja algo que tenha aprendido com a mãe, a qual sempre quando entra em contato com

a paciente é para reclamar de algo ou falar sobre a própria vida, sem nem mesmo perguntar como a filha está.

Durante o processo da terapia, a paciente engravidou. O bebê seria o primeiro filho dos dois e o primeiro neto de ambas as famílias. Porém, na semana após descobrir que estava grávida, ela teve um sangramento e precisou ficar em repouso absoluto. Passamos, então, algumas semanas sem ter nenhuma sessão. Após esse tempo, a paciente retornou. Ela havia perdido o bebê. Frida conta que foi algo muito difícil, principalmente nos primeiros dias, mas que aprendeu e refletiu muito sobre essa experiência. Disse que a situação aproximou o casal [ela e o marido] e notou que ele tem estado muito mais “com ela”. Diz não saber se isso é por causa da preocupação dele em relação à perda do bebê ou se foi resultado da melhora na relação dos dois.

No dia da sessão com o casal, que foi combinada com a paciente em suas sessões individuais, pelo fato de chegarmos à conclusão de que a presença do esposo seria importante na terapia, a sessão teve duração de uma hora e foi permeada por algumas questões que já haviam sido trazidas por Frida na terapia individual, mas que, dessa vez, teve a visão do marido sobre todo o contexto.

Frida sempre achou interessante a ideia de o marido participar, de alguma forma, da terapia. A princípio, havíamos combinado quatro sessões, dado o fato dele trabalhar no interior e ter somente um dia da semana para estar na terapia. Contudo, houve alguns contratemplos e ficamos somente com tempo para a realização de uma sessão, pois ele é professor e seu horário mudaria após o retorno das aulas.

O casal, que se conhece há sete anos e está casado há três, morava no interior do estado de São Paulo até que Frida passou no concurso para ser professora de uma universidade no RN e os dois decidiram vir morar em Natal. Por alguns meses, logo no início da mudança, o marido ficou sem trabalhar, até que conseguiu o emprego de professor de ensino médio no interior do estado do Rio Grande do Norte.

Falou-se acerca das famílias de origem de cada um, o que foi aprendido por eles e trazido para a relação dos dois, o que acontecia na relação de casal dos pais de cada um e o que está se repetindo. Foi pedido, inicialmente, que cada um apresentasse para o outro, sua família de origem. Percebemos que as

duas famílias têm suas semelhanças. Questionei, ainda, acerca do próprio relacionamento dos dois, bem como o que cada um entende sobre o que é o casamento.

Algo que nos chamou atenção foi o fato do marido parecer ser mais independente de sua família de origem e tentar, sempre por meio de brincadeiras, alertar sua esposa de quanto gostaria que ela fosse mais assim, chegando, inclusive, a dizer na sessão que se casou com a esposa e não com a sogra, a qual, segundo o ponto de vista do marido como da esposa, é quem mais interfere na relação do casal, mesmo morando longe. Chegou, inclusive, a dizer que gostaria de se divorciar da sogra.

ANÁLISE DO CASO

Há uma tendência das coisas vivas a se unirem, a estabelecerem vínculos, a viverem umas dentro das outras, a retornarem a arranjos anteriores, a coexistirem enquanto é possível. Este é o caminho do mundo (Lewis Thomas).

O casamento é, invariavelmente, associado à ideias sobre o amor e a vida conjugal, gerando certas expectativas nas pessoas nele envolvidos. “As pessoas, antes de se casarem, já carregam ideias dentro de si sobre o que é casamento, bem como as expectativas ao seu respeito” (WAGNER, 2005, p. 88). Segundo Gikovate (2009, p. 107), “o casamento aparece como um sonho, algo que sempre desejamos que sucedesse conosco”.

A percepção acerca do casamento, no entanto, é socialmente construída, conforme defendem estes autores. As ideias sobre o que é e como deve ser vivido o casamento seriam decorrentes do que circula na sociedade, na literatura, nos filmes, nas novelas, bem como as experiências vividas na família e na comunidade (WAGNER, 2005, p.88). [idid, só se usa em rodapé]

O casamento, ao longo do tempo, vem passando por transformações que seguem as modificações sócio-culturais. As formas de casamento vividas ao longo da história da humanidade exercem uma constante influência naquelas experienciadas na contemporaneidade. A escolha do cônjuge e a do tipo de relacionamento conjugal, que aparentemente são livres e espontâneas,

estão permeadas de mensagens, explícitas ou implícitas, transmitidas de geração para geração.

Lévi-Strauss (apud ROUDINESCO, 2003, p. 17) diz que “a vida familiar apresenta-se em praticamente todas as sociedades humanas”. O ser humano, desde a pre-história, tende a agrupar-se. Podemos pensar que isso seria uma herança social observada nas sociedades contemporâneas. Segundo Roudinesco (2003, p. 13), “a família, ao repousar sobre a união mais ou menos duradoura e socialmente aprovada [...], é um fenômeno universal, presente em todos os tipos de sociedade”. Continua este autor:

o que diferencia o homem do animal é que, na humanidade, uma família não seria capaz de existir sem sociedade, isto é, sem uma pluralidade de famílias prontas a reconhecer que existam outros laços afora os da consanguinidade, e que o processo natural da filiação somente pode prosseguir através do processo social da aliança (LÉVI-STRAUSS apud ROUDINESCO, 2003, p. 95).

Ao longo da história da civilização, encontram-se várias formas de agregação familiar. “A família acompanha a evolução dos costumes e, por isso, apresenta-se de formas diferentes para atender as necessidades humanas de cada época” (ROUDINESCO, 2003, p. 96).

Julien (2000) discorre sobre o casamento iniciando a discussão acerca da questão: o que permite a uma mulher e a um homem fundar uma nova família? O autor pensa em três leis para falar da conjugalidade. A primeira seria a Lei do Bem-estar, que diz ser “dever dos pais e da sociedade assegurar o bem da geração seguinte” (JULIEN, 2000, p.17). A segunda é a Lei do Dever, que é incondicional e categórica: trata-se de uma lei moral, que “se impõe por si mesma – e não em razão daquele que a enuncia”, e traz um princípio de liberdade e igualdade.

A fala de Yahvé, do Gênese, é traduzida por Julien para introduzir a terceira lei: “O homem abandona pai e mãe e liga-se a sua mulher – e eles se tornam uma única carne”, (2000, p. 17).

Percebe-se, a partir da análise do caso, que a paciente não conseguiu desligar-se de sua família de origem. Sendo assim, seria provável que isso,

algum dia, viria a interferir em seu casamento, no início da formação de uma nova família.

Fica claro que a paciente nunca chegou a separar-se dos pais, tornar-se independente deles. Ou seja, “nunca chegou a estabelecer com eles uma relação de igualdade” (SATIR, 1988, p.30). Segundo ainda Satir (1988, p.30) “essa dependência que tem em relação a outros [...] estrangula sua autonomia e individualidade” o que, possivelmente, não a permite desenvolver sua auto-estima.

Observa-se, ainda, que a família da paciente é extremamente fusionada. Qualquer coisa que afeta um membro, afeta a todos. Os pais, mesmo separados, não conseguem deixar aquela família e continuam se envolvendo com os problemas um do outro. Não se observa a individualidade de cada membro. E é provável que a paciente tenha aprendido isso em sua família de origem e, agora, reproduz com seu marido, quando a paciente diz que, muitas vezes, vive a vida do marido ou coloca-se sempre em função dele.

Percebe-se que a paciente é alguém cuja auto-estima é reduzida e nutre com relação a si mesma fortes sentimentos de ansiedade e incerteza. Segundo Satir (1988, p. 30), para pessoas com tais características, “sua auto-estima baseia-se fundamentalmente naquilo que ela acha que as pessoas pensam a seu respeito”.

Sua reduzida auto-estima derivaria, então, de experiências tidas durante sua fase de crescimento. Como é descrito no caso, a paciente relatou que determinados comportamentos dos pais a faziam sentir-se inferior ao irmão mais novo, sempre privilegiado e protegido.

Quando analisamos sua fala em relação à vida conjugal, em especial quando diz que não se acha boa o bastante e tem a impressão de que, a qualquer momento, o marido pode trocá-la por outra pessoa mais interessante que ela, é possível supor que esse sentimento de menos valia em relação ao irmão mais novo e a incerteza do amor dos pais, somando-se ao fato de que a paciente ainda está ligada à sua família de origem, estabeleçam ou estejam na origem da insegurança sobre seu casamento.

Satir (1988, p. 30) diz que “uma pessoa cuja auto-estima seja reduzida nutre fortes ilusões com respeito ao que pode esperar de outros, mas também abriga fortes temores”. Nesse cenário, “é acentuada a predisposição que tem

para manifestar desapontamento e desconfiar de outras pessoas”. Observamos isso quando a paciente diz não ter conseguido fazer amigos na nova cidade e sentir-se muito isolada, afirmando só ter o marido para relacionar-se.

Também pelo fato de sentir-se sem amigos aqui em Natal, a paciente acaba contando muitas coisas para sua mãe, o que a deixa demasiadamente imersa em seu relacionamento conjugal. Além disso, é a paciente que intermedia muitas questões dos pais separados, o que comprova, mais uma vez, que ela não conseguiu desligar-se da família de origem.

A natureza da estrutura familiar é determinada por fronteiras emocionais que mantêm os membros da família próximos ou distantes. Cada padrão – a proximidade conduzindo à aglutinação, ou à distância conduzindo à dispersão – pode ser mais ou menos funcional para uma determinada família (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998, p.64).

Cada ser humano nasce imerso na massa emocional familiar. Quando partimos para analisar a dinâmica da vida conjugal desse casal, percebemos não somente a interferência da família de origem da paciente, mas também uma não diferenciação da mesma em relação à sua família. De acordo com Bowen (apud NICHOLS; SCHWARTZ, 1998) a diferenciação diz do grau de maturidade emocional de um indivíduo acerca do processo de individuação ao longo do ciclo vital, onde se torna adulto e pode emancipar-se, separando-se satisfatoriamente de sua família de origem, ao passo que também mantém o sentimento de pertencimento a esta família.

Ao lado da necessidade de pertencimento ao grupo familiar, está o movimento de individuação, que é o esforço de cada indivíduo existir fora do grupo familiar. A formação da identidade é estabelecida por meio do movimento de se distanciar e de se diferenciar da massa familiar. Esta é, para Bowen (apud NICHOLS; SCHWARTZ, 1998), a maior tarefa emocional de toda a vida.

Tal processo é marcado por sucessivos compromissos na participação nos diversos papéis ao longo da nossa vida, bem como o pertencimento a sistemas fora da família ou até a construção da própria família nuclear. Para Bowen (apud NICHOLS; SCHWARTZ, 1998), é possível avaliar um adequado processo de maturidade emocional na participação dos indivíduos em suas

funções intra e extra-familiares através de seu grau de diferenciação na sua família de origem.

O relacionamento humano é alimentado por duas forças que se equilibram: a individualidade e a proximidade. A dificuldade acontece, afirmam os autores, quando a família fica polarizada em um desses fatores. O sucesso em conciliar esses dois pólos, o modo de vivenciar, adequadamente as emoções é denominado por Bowen (apud NICHOLS; SCHWARTZ, 1998) como diferenciação do self, que seria a capacidade de pensar e refletir, não respondendo automaticamente a pressões emocionais internas e externas, sendo flexível e agindo sabiamente mesmo diante da ansiedade.

Na análise do caso, percebemos que a indiferenciação, quando a pessoa continua ligada emocionalmente aos sistemas familiares, acarreta prejuízos à autonomia. E, quando a indiferenciação é transferida para a relação conjugal e parental, os problemas familiares passados são transferidos para o futuro (MINUCHIN apud NICHOLS; SCHWARTZ, 1988).

Para os autores, todas as famílias passam por estágios de fusão e diferenciação. Quando existe a indiferenciação, os membros da família são, facilmente, levados à atitudes carregadas de emotividade, ou seja, sem controle emocional. As pessoas indiferenciadas têm dificuldades em desenvolver uma autonomia familiar.

Se pensarmos na família de origem da paciente, é possível observar que há um emaranhamento familiar, uma forma de relacionamento simbiótico, na qual há aglutinação ou fusão emocional. De acordo com Minuchin (1974) o emaranhamento familiar aponta uma renúncia de autonomia em decorrência da falta de diferenciação.

Para Satir (1988, p. 31), a escolha de um companheiro não é um simples acidente, mas sim porque o casal vê um no outro “algo que aparentemente se adequava aos ideais que alimentavam”. A paciente não consegue deixar sua família de origem, continuando a se comportar como uma adolescente. E o marido, de certa forma, a mantém nesse lugar. Ele diz que gostaria que ela fosse de outro jeito, e que gostaria de se divorciar da sogra, mas o faz sempre por meio de brincadeiras e não de forma objetiva.

É possível perceber que ele fala a esposa sobre seus desejos, mas sempre o faz por meio de brincadeiras, falando de um assunto sério de uma

forma velada, como se faz com uma criança. É provável que o marido enxergue a esposa como uma mulher poderosa (algo que ela própria não vê), já que a esposa, várias vezes, relatou que ele se frustra por não ter conseguido passar nas muitas tentativas do mestrado e que, pra ele, é algo de muita importância. A paciente, por sua vez, tem doutorado e é muito bem sucedida profissionalmente.

De alguma forma (inconsciente, talvez), para o marido, deixar a esposa nesse lugar de insegurança e dependência é conveniente. Assim, ele a anula e mantém essa esposa poderosa num lugar infantil, o qual não o ameaça. Já ela se mantém nesse lugar, pois foi assim que vivenciou em sua família de origem. Dessa forma, eles acabam por se completar, um na carência do outro. Como afirma Satir (1988, p. 33) “cada um desejava as qualidades que via no outro e que sentia faltarem em si mesmo”.

Os relacionamentos complementares são aqueles em que as pessoas são diferentes nas maneiras as quais se ajustam. Se um é dominador, por exemplo, o outro é submisso; se um é lógico, o outro é emocional; se um é fraco, o outro é forte (JACKSON; WEAKLAND, apud NICHOLS; SCHWARTZ, 1998).

Percebe-se, a partir do que foi exposto, que a paciente ocupa um lugar parecido, tanto em sua família de origem, quanto na sua nova família. Para Nichols; Schwartz (1988, p. 49), “as famílias procuram manter ou restaurar o *status quo*”. Contudo, podemos ver também outra função do sintoma: colocar o sistema em crise. O sintoma é, ao mesmo tempo e paradoxalmente, a manifestação de uma exigência de mudança e um elemento de estabilização de um equilíbrio patológico do sistema.

É possível que o indivíduo queiro melhorar, mas, por a família precisar de alguém para desempenhar o papel de doente, o processo terapêutico, às vezes, aparece como uma ameaça à ordem defensiva das coisas. E, nesses momentos, se fazem presentes as defesas da família pela manutenção da homeostase. Além disso, o próprio paciente pode querer manter seu sintoma.

Pela perspectiva aqui apresentada, o aspecto decisivo do sintoma é a vantagem que ele proporciona ao paciente na

obtenção do controle do que vai acontecer em um relacionamento com outra pessoa (HALEY, apud NICHOLS; SCHWARTZ, 1988, p. 52).

A paciente, que, teoricamente, poderia ser a pessoa que detém o poder na relação (tem doutorado, um emprego federal, ganha mais que o esposo), é insegura e enxerga no marido alguém que pode cuidar dela. Ela o vê como uma pessoa bem resolvida e, em muitos aspectos, gostaria de ser mais como ele. Diz, muitas vezes, sentir-se diminuída em relação a ela e às outras mulheres.

Podemos, aqui, trazer um pouco da relação da paciente com a mãe, que sempre competiu com ela sobre quem é mais bonita, mais magra, mais jovem. Muitas vezes, a paciente disse que sua mãe não se comportava como mãe, mas como uma irmã e falava que a mãe sempre mostrou certa dificuldade em envelhecer. A mãe da paciente, pelo que podemos analisar a partir do caso, também tem auto-estima reduzida. É possível que o modo como a paciente se enxerga tenha raízes na eterna comparação que a mãe fazia com ela.

Satir (1988, p. 31) diz que “o filho somente desenvolverá estima em relação a si mesmo, na condição de pessoa sexuada, se ambos os pais validarem sua sexualidade”. Vemos essa mesma questão na psicanálise, quando observamos a Transmissão da Lei do Desejo, que será trazida mais à frente.

O estreito relacionamento existente entre a validação parental, a auto-estima, a independência e a individualidade vem à tona quando se observa como uma pessoa disfuncional (um adulto que, quando criança, não foi devidamente validado) ainda se prende a seus pais, ou a figuras paternas substitutivas, ou se relaciona com seu parceiro sexual como se ele fosse, de fato, uma figura parental. (Satir, 1988, p. 41).

Ainda segundo Satir (1988, p. 42), “um adulto nessas condições permanece na casa paterna muito tempo depois de ter-se tornado adulto. Ou continua a envolver-se intimamente na vida de seus pais”. Tal afirmação é condizente com o caso, pois a paciente somente casou-se quando passou no concurso e precisou se mudar para outra cidade. Talvez, se tivesse conseguido um emprego em sua cidade de origem, continuasse ainda a viver na casa dos pais.

Em relação a esse contexto, é possível supor que esses pais que fracassaram em validar devidamente seus filhos, não desejassem que os mesmos se tornassem independentes deles?

Os pais que deixam de validar seus filhos estão normalmente decepcionados demais quanto ao seu relacionamento conjugal e excessivamente preocupados em satisfazer suas próprias necessidades para poder até mesmo encarar seus filhos como indivíduos muito menos ainda, portanto, para ver as necessidades destes.

Posto isso, Julien (2000, p. 24 e 25) sublinha que a Lei do Desejo funda a conjugalidade, dizendo que “no encontro do limite do amor e no da dualidade dos gozos, só a Lei do Desejo pode nos impedir de romper a aliança e nos fazer avançar na conjugalidade”, ou seja, o amor e o gozo sexual não bastam sozinhos para se fazer um laço conjugal (nem mantê-lo). O autor traz ainda três etapas da transmissão da Lei do Desejo: a ruptura com a família de origem, a transmissão da Lei do Desejo pela família de origem e uma conjugalidade fundadora da parentalidade. Ou seja, deve haver, primeiramente, “um pai e uma mãe que foram e continuam sendo um para o outro homem e mulher”. Somente dessa forma é que podem transmitir aos seus filhos a Lei do Desejo para que, mais tarde, esses filhos possam formar laços conjugais consistentes.

Julien (2000, p. 25) acredita que “aquele ou aquela que conciliar a família originária e a aliança conjugal trai seu vínculo conjugal [...]. O vínculo filial mantido faz fracassar o pacto com o cônjuge”. O autor aponta que um filho que não tenha recebido a Lei do Desejo de seus pais, quando encontrar alguém com quem fará a aliança conjugal, irá se deparar com “a prova do limite do amor e da irredutível alteridade do gozo” e pode vir a fraquejar e não avançar na conjugalidade. O autor afirma que sem a passagem da Lei do Desejo pelos pais, a conjugalidade dos filhos estaria findada ao fracasso, posto que não teria em que se apoiar, o que nos fazia pensar que o desejo seria, pois, o pilar central de um laço conjugal.

A transmissão da Lei do Desejo faz lembrar o conceito da Transmissão Geracional, presente na compreensão sistêmica, discutido por Murray Bowen (apud NICHOLS; SCHWARTZ, 1998). O conceito trata dos processos de projeção familiar repetidos de geração a geração permitindo ou não níveis de

diferenciação. A família rege a tensão entre união e distanciamento emocional, ajustando separação e crescimento funcional no devido momento.

Como Bowen compreendeu mais tarde, conforme citamos anteriormente, a tensão emocional da família conservar-se dentro de nós, tornando-nos vulneráveis para reproduzir padrões similares em novos relacionamentos, até que nossos conflitos familiares sejam finalmente resolvidos (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998, p. 57).

A diferenciação do próprio *self* da família é completada quando esses relacionamentos são mantidos sem fusão ou triangulação. As pessoas diferenciadas podem falar sobre uma grande variedade de questões pessoais entre elas sem ficar ansiosas e nem desviar a conversa para uma terceira pessoa.

A estrutura familiar é composta por um conjunto de regras encobertas que determinam o relacionamento entre seus membros. Tais ligações relacionais apontam o lugar de cada membro da família e estabelecem seu papel e a forma como é desempenhado.

Minuchin (apud NICHOLS; SCHWARTZ, 1988, p. 64) observa que as transações familiares, quando são repetidas, “desenvolvem uma regularidade padronizada, ou uma estrutura”. Já para Jackson, também referenciado na obra que acabamos de citar, todas as pessoas em relacionamentos continuados desenvolvem padrões de interação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existir é existir com. Você é livre para escolher esse ‘com’ quem existir. Mas esse com é fruto de uma herança familiar. Eis o paradoxo da liberdade entrelaçada ao destino (Luciene Féix).

A partir do que foi discutido ao longo deste trabalho, é possível destacar que a grande (e principal) questão está em conseguir regressar à família de origem, fazer contato e desenvolver um relacionamento com todos os membros possíveis da família, porém permanecendo destriangulado. Ou seja, conseguir separar-se emocionalmente da família de origem para que a formação da nova família tenha validade.

A destriangulação seria o processo realizado para conseguir manter o contato com um sistema emocional que envolve a si mesmo e a outras pessoas, “sem tomar partido por nenhuma das partes, sem contra-atacar nem defender-se e buscando sempre manter uma linha neutra de resposta” (BOWEN, apud NICHOLS; SCHWARTZ, 1988, p. 58).

As pessoas são, ao mesmo tempo, indivíduos e membros de uma família. Contudo, se faz necessário que a paciente pratique sua autonomia como indivíduo e deixe de ocupar o lugar de filha para conseguir desempenhar o novo papel em sua vida: o de esposa e, mais tarde, como sempre o desejou, o de mãe. É indispensável que sejam respeitados os limites devidos e mantido o espaço pessoal. Dessa forma, a paciente pode adquirir a capacidade de observar e controlar, em parte, sua reatividade emocional, ou seja, a confusão emocional gerada pela triangulação.

É indispensável que a paciente analise o próprio papel como um participante ativo no sistema relacional e se coloque, em relação a seus desejos e vontades. Também se faz necessário que determine e delimite as fronteiras de seu espaço individual. Seria importante, ainda, investigar a família de origem do marido para entender como os padrões de comportamento dessa família estão interferindo na dinâmica do casal e como participam do desenvolvimento da nova família.

Gostaria, por fim, de dizer uma palavra sobre o papel do terapeuta diante do caso discutido. O terapeuta, que tem a necessidade de um compromisso e envolvimento profundo com o caso, mas com cuidado para não ser triangulado pela família, age como catalisador dinâmico, ativo, aberto e direto. Acreditamos que trazer a oportunidade às pessoas de aprenderem mais sobre si mesmas e seus relacionamentos para que possam assumir as responsabilidades pelos seus atos, trazer o foco para o casal, modificar os padrões disfuncionais, auxiliar os cônjuges a enfrentarem seus limites e enxergarem possibilidades, avaliando-os mediante perguntas reflexivas, são algumas das funções do terapeuta.

REFERÊNCIAS

GIKOVATE, F. **Uma nova visão do amor**. São Paulo: Ed. MG, 2009.

JULIEN, P. **Abandonarás teu pai e tua mãe**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

MINUCHIN, S. **Família, funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 1982.

NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. C. **Terapia Familiar**: conceitos e métodos. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

SATIR, V. **Terapia do grupo familiar**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

WAGNER, A; FALCKE, D. **A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade**: definição e conceitos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.